

The background of the slide is a classic marbled paper pattern, featuring intricate, swirling, and organic shapes in various shades of grey, white, and light beige. The pattern is dense and covers the entire surface.

**A DIMENSÃO EDUCATIVA:
FORTALECENDO POSSIBILIDADES DIALÓGICAS**



Sibelle Cornélio Diniz
Bárbara Freitas Paglioto
Wellington Luiz Silva
Jonathan Philippe Fernandes Barbosa dos Santos
Luiza Nobel Maia
Núcleo de Ações Educativas e Acessibilidade

O Núcleo de Ações Educativas e Acessibilidade do Espaço do Conhecimento UFMG atua em contato direto com o público agendado e espontâneo, sendo responsável pela mediação do conteúdo das exposições e pela elaboração de atividades diversas, como oficinas, contações de histórias, intervenções teatrais, percursos temáticos, entre outras. Refletindo a diversidade de conteúdos expostos e trabalhados no Espaço, o Núcleo é composto por profissionais e estudantes de diversas áreas do conhecimento que buscam atuar de forma transdisciplinar.

Todas as ações desenvolvidas têm como objetivo explorar e ampliar as possibilidades pedagógicas ligadas aos espaços expográficos do museu, despertando o interesse do visitante, com ênfase no diálogo multi, inter e transdisciplinar, especialmente entre ciência, arte e educação. Nesse sentido, o trabalho no Núcleo se pauta na busca pelo fortalecimento da reflexão acadêmica

sobre o assunto, bem como na formação da equipe de estudantes, docentes e pesquisadores.

Enquanto ação de extensão universitária, o trabalho adota a metodologia da pesquisa-ação, em que o pesquisador (estudante, docente, técnico) é reconhecido como participante do processo histórico-social em estudo, estando constantemente exposto ao aprendizado proporcionado pelo contato com o público-alvo. Orienta-se, ainda, pelas diretrizes da Política Nacional de Extensão Universitária (2012), especialmente no que se refere ao diálogo entre os saberes acadêmico e popular e à interação dialógica e transformadora entre Universidade e sociedade.

A EXPOSIÇÃO E O PÚBLICO: DESCREVENDO OS CAMINHOS DA MEDIAÇÃO

Nas palavras de Cazelli, Marandino e Studart (2003, p. 86), “exposições são meios peculiares e fundamentais

no processo de comunicação com o público. Para isso é crucial que elas sejam atraentes, motivadoras e envolventes [...]". Estes são adjetivos que cabem na avaliação da exposição *À Margem: água, cultura e território* no que se refere ao seu potencial de comunicação com o público. Foram múltiplas as camadas e possibilidades de leitura e exploração corporal, emocional e intelectual do espaço expositivo que o trabalho de mediação buscou, a todo o tempo e por diferentes caminhos, potencializar.

Após um longo processo de gestação envolvendo Curadoria, Design, Expografia e Produção, quando a exposição finalmente nasce, ela fica aos cuidados dos mediadores, que acolhem o público e abrem com este os caminhos de comunicação. O papel da mediação, a partir de então, é aproximar visitantes e exposição em um processo dialógico, de constante troca, ao mesmo tempo buscando entender a complexidade do público e as especificidades de cada visitante, suas demandas, suas referências culturais, sua linguagem.

Para tanto, porém, em cada etapa de planejamento da exposição até a sua inauguração, a equipe de ações educativas buscou estar presente, em um processo de pesquisa de conteúdo e formação dos mediadores e, ao mesmo tempo, de suporte à Curadoria e à Expografia a partir da experiência proveniente do contato cotidiano direto com o público. Assim, ocorreram rodas de conversa com os curadores, em especial com a equipe do Projeto Manuelzão, que compartilhou conosco vários resultados desses 20 anos de experiência em pesquisa e preservação da Bacia do Rio das Velhas. A comunhão de uma mes-

ma filosofia extensionista garantiu a fluidez das trocas durante esses encontros.

Ocorreram ainda reuniões com a equipe de Expografia, nas quais começávamos a nos familiarizar com o ambiente onde estaríamos imersos, debatíamos possibilidades de ampliação da acessibilidade e as possíveis formas de interação com os objetos e conteúdos expostos. Além disso, realizamos pesquisas diversas a partir da seleção de materiais bibliográficos, fotográficos e audiovisuais.

Aos pouquinhos, aquele rio caudaloso foi ganhando contornos mais claros no nosso imaginário: seus percursos, sua condição ambiental, sua história e as histórias de muita gente que cruzou e cruza com a do rio. Um rio de informação nos conduzia na construção de narrativas que possibilitariam diferentes leituras da exposição, na elaboração de recursos pedagógicos para as atividades educativas e na formulação de muitos questionamentos a serem levados aos visitantes, despertando sua reflexão, aguçando sua curiosidade e nos permitindo ouvi-los e a aprender também com eles.

A exposição permitia várias camadas de leitura que favoreciam a exploração da interdisciplinaridade da equipe. Entre cianobactérias e bordadeiras de Pirapora, passando pela invisibilização dos córregos em Belo Horizonte e pelas instalações e intervenções artísticas que, ao longo dos anos, vêm chamando a atenção para essas questões, cada mediador encontrava sua forma de explorar os recursos expográficos a partir da sua própria bagagem e do perfil do público que esperava encontrar.

Imaginávamos, por exemplo, que as crianças facilmente ficariam fascinadas com um rio cenográfico todo feito com cordas, onde seria possível navegar com barquinhos de papel. E elas realmente se apropriaram e se divertiram nesse recurso expográfico, saltando de uma margem à outra, inúmeras vezes.

Já os mais velhos se lembravam de “outra época”, quando os rios eram menos poluídos e faziam parte do cotidiano da cidade. Eles reviviam essas lembranças, revisitavam o passado e traziam à tona um vasto conhecimento baseado em suas experiências.

Notamos como os moradores de cada pedacinho da bacia hidrográfica identificavam seu lugar e viam ali a

possibilidade de saber um pouco mais da saúde dos rios de sua região, no alto, médio ou baixo Velhas. E, ainda, como os Amigos do Rio, colaboradores do Projeto Manuelzão, viam-se representados e homenageados em seu esforço de preservação.

Cada um desses públicos, a partir do seu olhar particular, incorporava novas indagações e provocações que, aos poucos, eram absorvidas no repertório de mediação. As crianças, por exemplo, ao trazerem perguntas simples, como “De onde vem a chuva?”, nos ajudavam a resgatar a sensibilidade diante do meio que nos rodeia e a contemplação de elementos habituais aos nossos percursos do dia a dia que, muitas vezes, já não notamos mais.





Os mais velhos se lembravam de "outra época", quando os rios eram menos poluídos e faziam parte do cotidiano da cidade





Cada um desses públicos, a partir do seu olhar particular, incorporava novas indagações e provocações que, aos poucos, eram absorvidas no repertório de mediação. As crianças, por exemplo, ao trazerem perguntas simples, como “De onde vem a chuva?”



Os relatos dos estudantes, especialmente dos alunos da Educação Infantil, possibilitaram uma compreensão maior da criança como participante ativa das cidades e de sua relação com a temática que vínhamos desenvolvendo a partir da exposição. Como exemplo, em uma dinâmica realizada com estudantes entre 6 e 10 anos de uma escola pública, iniciamos uma discussão a partir de fotos de uma prática de monocultura agrícola. Diante da imagem, uma das crianças a relacionou ao seu conhecimento de mundo e afirmou, identificando outra forma de agricultura: "Meu avô tem uma horta, mas lá não tem só alface, lá tem pé de limão, couve, acerola, cebolinha, alface... É bom!"

Em outro momento, com um grupo semelhante de crianças, foi realizada uma roda de conversa sobre a atual condição do Ribeirão Arrudas. Questionamos: como é um rio? O que ele deveria ter ao seu redor? Possuímos rios pela cidade? Uma criança nos revelou o seguinte: "Esse esgoto [se referindo ao Rio Arrudas] é aquele perto do metrô? Eu conheço todas as estações, minha mãe me mostrou..." (grifo nosso). Após essa fala, buscamos avivar o imaginário que essas crianças possuíam de um rio. Percebemos que elas identificavam o rio como algo vivo, com seu curso natural, com cheias na época de chuva, como um lugar possível para nadar e pescar. Seus relatos nos transportavam para imagens contrárias à realidade do Rio Arrudas, sua canalização, poluição e invisibilidade, muito vivas na vida dessas crianças, como pode ser percebido em um relato sobre as enchentes: "Um dia, estávamos em uma van indo para casa, e choveu muito, muito mesmo... Aí, a rua do meu bairro co-

meçou a alagar, e não podíamos abrir as portas da van, senão a água ia entrar..."

Esses relatos nos revelaram o contraste entre as imagens e as relações dessas crianças com o rio presente na sua realidade e aquele que desejariam construir ou inventar. Suas descrições imaginativas optaram por áreas verdes, um rio onde poderiam brincar, nadar, pescar e compartilhar. Esse tipo de reflexão abria caminho, então, para apresentar às crianças o Projeto Manuelzão e sua importância, o que muitas vezes foi auxiliado por histórias em quadrinhos que contavam a trajetória do projeto e suas perspectivas.

Já os visitantes adultos encontraram um espaço de participação ativa no mapa interativo, que mostra os rios hoje invisibilizados pela canalização em Belo Horizonte com o auxílio de imãs e *post-its*. Durante o mês de maio, quando se celebra o Maio Amarelo, movimento de conscientização sobre o trânsito, promovemos um momento especial de mediação no mapa interativo, abordando o tema *(re)apropriação de espaços invisíveis*. Por meio de fotografias da cidade, antigas e atuais, buscamos trazer à tona espaços cada vez mais invisíveis. A proposta foi destacar como a cidade vive uma lógica de privilégio aos automóveis, ao alargar avenidas, construir viadutos, e como esse processo inviabiliza, cada vez mais, a cidade para as pessoas. A conversa reavivou nos visitantes memórias e despertou a imaginação sobre as possibilidades de uma futura ressignificação de espaços um dia ocupados por pedestres, mas que hoje são vias de tráfego para os carros. Os visitantes colaram

post-its em diferentes regiões do mapa onde gostariam de ocupar/ exercer algum tipo de atividade que atualmente não é possível. Registramos frases em que as pessoas mostravam como gostariam de usar os ambientes naturais da cidade, onde são impossibilitadas pela qualidade da água e pela cobertura dos cursos d'água: "Construir uma fazenda de peixes", "Lavar minha Brasília no rio", "Aproveitar a água das nascentes", "Nadar no Arrudas", "Andar de carrinho de rolimã na Avenida João Pinheiro", "Gostaria de plantar árvores", "Molhar meus pezinhos", "Gostaria de nadar na Lagoa da Pampulha", "Acampar na beira do rio", "Levar minha avó para nadar de novo!", "Conversar na calçada e descascar laranja", "Curtir uma cachu no córrego Acaba-Mundo". Algumas

pessoas ainda pontuaram questões que nos mostram como a população está atenta aos usos atuais das nossas bacias hidrográficas e almeja mudanças: "Mineração: limpe o curso d'água", "Usar como transporte público", "Áreas naturais para melhorar o aspecto estético e de qualidade de vida das pessoas", "Rios abertos: população aquática, árvores, rios para recreação, lazer e convivência social", "Eu queria morar perto de um rio e que ele fosse limpo e pudesse curtir uma praia fluvial", "Descanalizá-lo", "Rios e vias de bondes", "1º momento, pedestres, bike e ônibus, 2º momento, rios abertos", "Horticulturas e fruticulturas, áreas mais verdes em praças e ruas" e "Mais vida aos rios, aos peixinhos e às árvores nos centros urbanos".





Visitantes simulando um rio durante contação de história no percurso Histórias que correm com as águas.





Estudantes de graduação do curso de geografia da UFMG interagindo com o mapa que representa Belo Horizonte antes dos processos de canalização fluvial.



Outra atividade desenvolvida pela mediação foi o percurso *Histórias que Correm com as Águas*. A ideia da atividade foi trabalhar com as possibilidades de diálogo entre À Margem e a exposição de longa duração, *Demasiado Humano*,¹ buscando construir uma narrativa em torno de um tema comum. O primeiro passo foi identificar um tema comum às duas mostras que servisse de base para essa “amarração”. O tema identificado foi “a água em sua relação com o desenvolvimento da humanidade”. A etapa seguinte consistiu na formulação de um roteiro, buscando um direcionamento que permitisse diferentes ramificações dentro da temática proposta, evitando engessar a experiência do visitante. O processo de elaboração do roteiro foi bastante rico em função da multiplicidade de olhares entre os mediadores. A narrativa construída abarcou

questões cruciais sobre como a água surgiu no planeta, sua importância para a manutenção da vida e das práticas culturais, além das condições precárias de conservação atual que poderiam inviabilizar seu uso pelas gerações futuras. Dessa maneira, o percurso permitiu pensar os rios de forma mais abrangente, expandindo as possibilidades de discussões que pudessem surgir naturalmente na visita à exposição *À Margem*. Foi possível aprofundar os questionamentos, trazendo-os para a escala local ao apresentarmos a Bacia do Rio das Velhas e tratarmos dos impactos ambientais e culturais da intervenção das populações que vivem em seu entorno. Foi possível, ainda, problematizar essa relação desde a ocupação das terras mineiras no período colonial até a fase de invisibilidade dos rios após sua canalização em Belo Horizonte.



¹ A partir da questão básica sobre a busca do conhecimento, a exposição de longa duração, *Demasiado Humano*, tem como temas a origem do universo, o surgimento da espécie humana e o povoamento da Terra, as cosmogonias, o papel da escrita, a globalização, os diálogos culturais e a diversidade linguística. A exposição aponta os modos como nossa civilização vê e constrói o mundo numa miríade de formas – poéticas, filosóficas, científicas e tecnológicas, tradicionais ou modernas.

Finalizando o percurso, trazíamos a reflexão sobre a necessidade de mudar a relação da sociedade com os cursos d'água, ressaltando as possibilidades de preservação e recuperação, como tem sido feito pelo Projeto Manuelzão. O percurso, no contato com o público, levantou questões sobre o distanciamento entre cidade e natureza, a disposição dos rios dentro da cidade, o papel de ações pontuais dos indivíduos, como descarte consciente de lixo e uso consciente da água, temas que afetam a dinâmica global das bacias hidrográficas. A percepção dos visitantes sempre moldava o ritmo da mediação, por entendermos o valor de ouvir suas experiências. A troca de saberes enriquecia o trajeto proposto.

Na contação de histórias *Causos D'água*, recolhemos algumas histórias da tradição oral brasileira, e especificamente mineira, que tivessem relação e evidenciassem as águas e os rios. Foram resgatadas histórias de personagens como Caboclo D'água, Mãe-D'água, Curupira, Iara, Vitória régia, Oxum, entre outras. Ao retomar o contato com esses causos, muitas vezes esquecidos, foi possível sensibilizar os participantes e fazê-los compreender o meio ambiente como algo no qual estamos inseridos, que não está distante de nós ou separado do nosso cotidiano. A pesquisa de histórias e causos sobre o Rio das Velhas, Rio São Francisco e Rio Jequitinhonha mostrou um imaginário diverso acerca dos rios e espaços vivos, ocupados por uma comunidade que cria e reinventa esses lugares de forma criativa e consciente. Esses locais são compreendidos por seus

habitantes como algo precioso, para além do campo econômico, mas principalmente por seu valor cultural e simbólico. Utilizamos a projeção de imagens de alguns personagens que apareciam em nossas histórias, levamos livros, almofadas, chita, chapéu de palha e outros elementos que ajudaram a construir um ambiente mais propício e confortável para contar esses "causos".

A atividade envolveu visitantes de idades diversas, incluindo crianças e adultos. Foi um momento de trocas, como quando uma criança compartilhou a versão da história da vitória-régia que havia aprendido na escola, com elementos diferentes da que havíamos contado. Outra participante contou que Obá e Oxum são orixás ligados à água, cuja rivalidade se expressa no encontro de águas turbulentas.

Uma das ideias principais dessa atividade foi trabalhar a escuta e a sensibilidade através das histórias e, além disso, explorar o imaginário sobre as águas, seus mistérios, mitos e simbologias. Esse imaginário se mostrou desafiante, uma vez que o processo do conhecimento transmitido através da oralidade vem se perdendo aos poucos, num contexto em que nossas relações são passadas pelo tempo apressado na exaustão do cotidiano e em seus inúmeros afazeres, com poucos instantes de contemplação, reflexão e escuta do outro. A rotina acaba por afastar as pessoas dos momentos de compartilhamentos, como o que conseguimos construir, se mostraram possíveis inúmeras trocas de saberes através de histórias transmitidas de geração em geração.

